

A AUTO-SEGREGAÇÃO ESPACIALIZADA: O SURGIMENTO DE GRANDES CONDOMÍNIOS FECHADOS EM VILA VELHA – ES

Lorenzo Gonçalves Valfré
Universidade Federal do Rio de Janeiro
lorenzo934@gmail.com

Gabriela Leal Rios
Universidade Federal do Espírito Santo
gabrielalealriosc@gmail.com

RESUMO:

Considerando a produção do ambiente construído como resultado da dialética entre sua dimensão física e as relações que nele se estabelecem, este artigo debruça sobre o surgimento dos grandes condomínios fechados e horizontalizados residenciais, enquadrados no que Caldeira (1996) considera como enclave fortificado, bem como suas características, na cidade de Vila Velha, Espírito Santo, a partir do entendimento de que estes se estabelecem espacialmente não de maneira aleatória, mas sim partindo de intencionalidades específicas. A criação destes enclaves surge como resposta à questão de ordem social que tangencia a produção capitalista do espaço urbano moderno, que se modifica em decorrência das aparentes necessidades das classes que o constroem.

Palavras-chave: enclave fortificado; condomínio fechado; Vila Velha.

GT – 7: Produção do espaço urbano numa perspectiva crítica

1 INTRODUÇÃO

O processo de produção do ambiente construído das cidades é relacionado historicamente com uma multiplicidade de relações inerentes às sociedades e é marcado, nesse sentido, por diversos conflitos e contradições. A produção deste ambiente é comumente vista como o resultado das ações, numa quase exclusiva perspectiva de construção, do homem sobre o meio em que está inserido, e sua forma, nesse sentido, é por vezes considerada algo estático e sem relação com uma complexidade histórica de processos, pressupondo certo caráter passivo ou mesmo atribuindo, contraditoriamente, a condição de ator para a cidade nesse processo de produções e transformações morfológicas.

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171).

Nesse aspecto, ocorre uma espécie de fetichização da cidade, no sentido de ocultação, em grande parte, destas relações sociais por trás de sua produção. O que se observa, entretanto, é que tal produção, e, por conseguinte, dos elementos morfológicos que compõem sua forma urbana, é resultado de diversos processos econômicos, sociais, culturais, etc. (LAMAS, 2000) – o que denota seu caráter dinâmico –, e que está diretamente relacionado com o modo de produção em determinada sociedade.

Distante da noção de obra acabada, portanto, a cidade é um objeto dinâmico que é constantemente alterado e moldado pela sociedade, ideia que dialoga e é sintetizada pela noção de Santos (1996) do espaço como o conjunto de sistemas de ações e objetos, na qual a mediação da relação entre ações e objetos se dá pela intencionalidade dos indivíduos. No caso do tema em questão, nesse sentido, a intenção de uma parcela da população, com base em diversas premissas socialmente construídas, de se auto-segregar, gera a ressignificação de alguns objetos e a criação de novos espaços que transmitem e espacializam isto.

O ambiente construído da sociedade capitalista representa, em grande parte, a fração do capital que necessita ser fixada no espaço para viabilizar, ou realizar, a movimentação deste em variadas escalas (HARVEY, 2016), o que se reflete, por exemplo, através da construção, muitas vezes por intermédio do Estado, de redes de infraestrutura, indústrias, centros de distribuição, habitações, etc. Essa noção da contradição entre fixidade e fluidez é observada na obra de diversos autores, especialmente Milton Santos e David Harvey. Ou seja, para ocorrer a aniquilação do espaço pelo tempo, como Marx já falara ainda no século XIX, o capital precisa, contraditoriamente, criar espaço. Essa questão ainda pressupõe que a cidade – e, mais precisamente, o seu conjunto de elementos morfológicos – não só é resultado, mas, também, condição para a existência do modo de produção capitalista.

Apesar do intermédio do Estado em várias das empreitadas do capital, importa destacar que, como Harvey (2016) expõe, estes possuem interesses divergentes: enquanto o primeiro busca reforçar sua dominação e poder territorialmente, no sentido da fixidez, o capital engloba um contexto muito mais amplo, onde a busca pela reprodução é norteadora, e, nesse sentido, os processos de desvalorização e deslocamento geográfico, quando não se encontra escoadouro para determinado excedente, é prática comum.

As permanências e as novas dinâmicas expressas nas transformações do padrão de habitação das cidades, bem como suas implicações, oferecem importante objeto de estudo para a apreensão das relações que tomam lugar na cidade e são especializadas na sua forma. A produção de habitações, nesse sentido, se relaciona diretamente com este fator, na medida em que as suas localizações dependem da existência, seja anterior ou posterior, de redes de infraestruturas para seu atendimento e sua inserção nas dinâmicas da cidade, o que representa, em muitos casos, onerosidade que recai aos mais pobres devido, nesse caso, desejo de segregar, ou especulação imobiliária.

Nesse sentido, Vila Velha, município constituinte da chamada Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) - que conta ainda com os municípios de Cariacica, Guarapari, Fundão, Serra, Viana e a capital Vitória - é marcada historicamente por uma variação no padrão de habitação em seu território. A intensificação da ocupação do município se deu a partir da década de 1960 e 1970, com o crescimento da atividade industrial nos municípios vizinhos e as habitações, nesse momento, eram majoritariamente conjuntos habitacionais financiadas pelos

governos estadual e federal. Nesse sentido, observa-se situação semelhante à apontada por Campos Jr. (2009) no município de Serra, ou seja, a cidade como periferia da Grande Vitória e *locus* da reprodução da força de trabalho das nascentes indústrias. A partir da década de 1990, Vila Velha é inserida de forma intensa no processo de expansão do capital imobiliário, fato verificado na explosão de edifícios verticalizados próximos ao mar, e impulsionado pela implantação da Ponte Dercy Castello de Mendonça (Terceira Ponte), permitindo ligação estratégica com a capital. Embora este último modelo de construção vertical prevaleça até hoje, observa-se a partir da década de 2000 e principalmente na década de 2010 o surgimento de grandes condomínios fechados horizontalizados, nos moldes do que Teresa Caldeira (1996; 2000) define como enclave fortificado. Este artigo, nesse sentido, debruça sobre a análise do surgimento e das características deste modelo de habitação em Vila Velha.

Para tanto, o processo metodológico adotado constituiu de revisão bibliográfica pautada no tema e na área de estudo, levantamento documental acerca dos recentes grandes condomínios fechados bem como mapeamento destes, objetivando, secundariamente, a constituição de material para subsídio a futuras pesquisas e trabalhos sobre o objeto em questão.

2 O MEDO E OS ENCLAVES FORTIFICADOS

A segunda metade do século XX é marcada por uma intensificação do processo de urbanização das cidades brasileiras. Embora coincida também com a intensificação da industrialização de cidades para além do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, por exemplo através do II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) (CAMPOS JR., 2009), importa destacar que este processo de urbanização já vinha ocorrendo, ainda que em variadas escalas à depender da região, desde muito antes. O que se percebe, dessa forma, é a generalização deste processo, e que em muitos casos se apoiou, para tanto, no também intensificado processo de industrialização.

É nesse período que se observa os primeiros passos do processo de urbanização de Vila Velha, que até a década de 1950 era pouco ocupada e carente de infraestrutura (TAGARRO, 2018). Tal fator, nesse mesmo sentido, foi viabilizado pelo esgotamento da economia cafeeira e pela introdução de novas dinâmicas industriais na Grande Vitória (ABE, 1999). O forte aumento populacional que se observou durante a segunda metade do século XX, que não foi seguido pelo

melhoramento da infraestrutura, gerou o surgimento e intensificação dos chamados problemas urbanos.

Estes que surgem e se intensificam a partir desta rápida e muitas vezes não planejada urbanização das cidades brasileiras, considerando, nesse sentido, que o acesso aos serviços urbanos essenciais, como moradia, tratamento de água e esgoto, por exemplo, se deu de forma desigual e precária. Temos como consequência direta deste processo, por exemplo, a intensificação do processo de favelização, o acesso desigual à educação, bem como a intensificação da chamada violência urbana (MARICATO, 2000). A intensificação de políticas de inspiração neoliberal, principalmente a partir da década de 1980 e 1990, igualmente intensificou estes problemas, considerando que, num país estruturalmente marcado pela desigualdade, onde o estado de bem estar social e o pleno emprego atingiu pequena parcela da população como é o caso da maioria dos países da América Latina, essas políticas tiveram efeitos ainda mais graves do que nos países centrais (MARICATO, 2000).

O choque pelo convívio entre diferentes grupos sociais habitando um mesmo espaço gerou a estereotipação de alguns destes como perigosos, por exemplo, o que resultou em novos artifícios para expressar espacialmente essa diferenciação social e o decorrente medo e, por conseguinte, a própria acentuação das desigualdades (CALDEIRA, 1996). Notamos, na estruturação do modo de vida urbano moderno, relação próxima que se estabelece entre o espaço público e o medo. Este espaço, formado em sua essência por caráter heterogêneo, confere à parcela da população que se encontra marginalizada, a materialização de um terreno sobre o qual suas práticas, comportamentos e necessidades encontram a possibilidade de realização. Estes grupos, que muitas vezes não correspondem aos padrões hegemônicos de estruturação social, se tornam estímulos repelentes à população que compõe as classes dominantes. Junto a esta vontade de homogeneizar o espaço público vemos que as relações que se dão neste possuem o poder de modificar a forma urbana tanto em seu imaginário e em sua paisagem, quanto em sua forma física. A partir da necessidade de uma separação entre o que corresponde ao ideal de bem estar geral e o que foge a isso observamos novas cartografias urbanas sendo criadas para este fim (CORREA, 2010). O medo da aparente essência democrática do espaço urbano público e da existência de uma violência urbana ligada a esta cria mecanismos para efetivar esse

distanciamento e essa segregação atinge na estruturação dos enclaves fortificados a possibilidade de sua expressão.

É nesse contexto que Caldeira (1997) aborda a intensificação tanto do desejo de certos grupos de se auto-segregarem quanto à consequente e especializada construção dos chamados enclaves fortificados, principalmente voltados à habitação. A autora considera importante a compreensão de quatro diferentes processos de mudanças urbanas para o entendimento do surgimento deste novo modelo de habitação, todas essas mudanças se relacionam, inicialmente, com a crise econômica vivenciada no Brasil durante a década de 1980. A combinação de altas taxas de inflação, aumento do desemprego e da pobreza resultou na necessidade de novas formas de habitar da população de baixa renda, que inicialmente, neste contexto, de deslocavam para as periferias das cidades. A autora comenta que a pressão de alguns movimentos sociais pela anistia a alguns empreendedores ilegais, que resultou na regularização de diversos lotes residenciais nessas áreas, gerou o que podemos interpretar como uma espécie de gentrificação dessas áreas periféricas, levando, portanto, a população pobre ao deslocamento para as favelas. Embora Caldeira (1996) esteja se referindo à São Paulo em sua argumentação, consideramos pertinentes muitos destes fatores na explicação da situação observada, ainda que tardia, na RMGV. O fator que mais se relaciona com esse novo modelo de habitação, entretanto, se refere, como anteriormente mencionado, ao medo do aumento da chamada violência urbana, decorrente justamente dessa crise econômica, do acesso desigual aos serviços urbanos essenciais, das posteriores políticas de inspiração neoliberal, do medo pelo convívio com diferentes grupos sociais, etc.

Estes enclaves, e seus mecanismos de segurança e segregação, representam a espacialização direta das desigualdades e acarretam diversos problemas para a cidade, como a necessidade de extensão das redes de infraestrutura, a ocupação de áreas muitas vezes ambientalmente frágeis, justamente por fazerem parte do discurso de venda destes empreendimentos de se localizarem próximos à natureza, etc. Em Vila Velha, percebe-se essa lógica embutida na produção de seu espaço, entretanto, de forma tardia, visto que o surgimento de grandes enclaves fortificados se deu, principalmente, a partir da década de 2010. Em linhas gerais, Teresa Caldeira assim descreve estes enclaves:

São propriedades privadas para uso coletivo; são fisicamente isolados, seja por muros, espaços vazios ou outros recursos arquitetônicos; estão voltados para dentro, e não para a rua; são controlados por guardas armados e sistemas de segurança privada que põem em prática regras de admissão e exclusão. (CALDEIRA, 1996, p. 159)

Como já mencionado, a característica de serem fisicamente isolados possui, ainda, um duplo aspecto. Enquanto representa a distância do que seus moradores consideram como perigos da cidade, este isolamento também é fator importante da retórica das construtoras, na medida em que se oferece um espaço bucólico, num sentido quase nostálgico, onde a experiência de habitar nesse espaço seja semelhante aos subúrbios norte-americanos. Cabe destacar que por enclaves fortificados, Caldeira se refere não só aos empreendimentos residenciais, mas também aos comerciais e, também, os de uso variado, sendo este último uma característica fundamental deste modelo de empreendimento. Neste trabalho, entretanto, tratamos do termo como especificamente voltado aos empreendimentos residenciais, fator que nos fez optar por chamá-los de grandes condomínios fechados horizontalizados, também por limitarmos nosso recorte aos agrupamentos especificamente de casas.

3. O SURGIMENTO DOS ENCLAVES FORTIFICADOS RESIDENCIAIS EM VILA VELHA - ES

O surgimento dos condomínios fechados, nos moldes dos enclaves fortificados expostos, se dá inicialmente, e de forma já intensa, no município de Serra, como expõe Campos Jr. (2009). O autor comenta que, enquanto a incorporação imobiliária concentrou suas atividades na produção de edifícios isolados e geralmente próximos ao mar nos municípios de Vitória e Vila Velha, em Serra o setor se concentrou na produção destes modelos de condomínios fechados, ou seja, em agrupamentos de casas - também de pequenos edifícios de 3 ou 4 andares - localizados

em áreas mais interiorizadas da cidade. Este modelo, entretanto, na presente década, vem encontrando espaço também em Vila Velha, e a análise deste padrão se mostra como objeto de estudo importante na compreensão das transformações do padrão de habitação da cidade.

Assim como em Serra, a produção de habitações no município de Vila Velha se deu, inicialmente, como necessidade ao processo de industrialização ocorrido na RMGV. A cidade, dessa forma, se constituiu inicialmente como o lócus da reprodução da força de trabalho e subúrbio de Vitória, de modo semelhante ao descrito por Campos Jr. (2009) para Serra. A partir das décadas de 1970 e 1980, a expansão do capital imobiliário se reflete na construção de edifícios verticalizados na cidade de Vitória, e, posteriormente, por volta da década de 1990, o mesmo é observado em Vila Velha, especialmente na sua orla marítima (CAMPOS JR., 2009). Este modelo de habitação se mostra predominante para as classes mais altas, e define claramente a forma urbana da cidade, onde as proximidades da orla apresentam forte verticalização, enquanto as áreas interiorizadas da cidade se apresentam com pouca ou nenhuma verticalização, e edificações residenciais, usualmente, voltadas à população com menor poder aquisitivo.

Este fator ainda observa sua intensificação vinda por intermédio do Estado, através das constantes apropriações ideológicas do planejamento urbano feitas pelas classes dominantes, visando constantes flexibilizações de gabarito em áreas próximas à orla, por exemplo. Embora a relação entre planejamento urbano e ideologia - ideologia no sentido dos artifícios utilizados pelas classes dominantes para se manterem no poder e exercer a dominação e reprodução de sua condição de dominância (CHAUÍ, 2001) -, como apresentado por autores como Escobar (1992) e Villaça (1998) seja relevante, este não foi o foco deste artigo neste momento inicial.

Mais recentemente, na presente década, Vila Velha, bem como áreas já contidas no perímetro de Guarapari, vem se caracterizando como uma nova frente de expansão do capital imobiliário com as construções destes grandes condomínios fechados horizontalizados. É algo, desse modo, que se inseriu de forma tardia, considerando que Serra, como exposto por Campos Jr. (2009) observou o surgimento e intensificação deste modelo de empreendimento residencial ainda na década de 2000.

A pesquisa bibliográfica e documental permitiu identificar três destes grandes condomínios fechados horizontalizados na cidade de Vila Velha e nas áreas conurbadas com

Guarapari, todos construídos na presente década: Riviera Park, Jardins Veneza e Mar D'Ulé. É importante destacar, novamente, que por grandes condomínios fechados horizontalizados nos referimos aos conjuntos agrupados especificamente de casas, cercados por muros e outros aparatos de segurança, com outros usos, como o lazer, e com acesso restrito. A figura a seguir apresenta suas localizações. Destaca-se que, embora a figura a seguir aponte a existência de três destes modelos de empreendimento, notícia de 2017 da Prefeitura Municipal de Vila Velha (PMVV, 2017) expõe a intenção de construção de um novo na cidade de Vila Velha através da empresa Alphaville, que já possui obra na cidade de Serra.



Figura 1. Grandes condomínios fechados em Vila Velha e áreas próximas. Fonte: Elaborado pelos autores a partir de registro do Google Earth.

Como se pode observar, a Figura 1 já expõe característica fundamental do padrão de construção deste modelo de enclave fortificado: a localização distante do centro urbano. Este fator, como apontado anteriormente, se relaciona tanto com o desejo de localização próxima à

natureza - parte da retórica destes empreendimentos - quanto ao desejo, quase representativo, de distância dos problemas urbanos concentrados nas áreas centrais da cidade.

Também semelhante ao caso de Serra, os empreendimentos realizados em Vila Velha se deram a partir de investidas de capital de fora do Espírito Santo, apesar da existência de diversas construtoras e incorporadoras já de grande porte no estado. Esse fator pode ser relacionado com a própria falta de know-how sobre este modelo de empreendimento, considerando que o expoente máximo da produção de residências na RMGV são os edifícios verticalizados. Esse fator é expresso, desse modo, nas empresas que se dizem diretamente ligadas ao urbanismo - e carregam isso em seus nomes e descrições - Alphaville, FGR Urbanismo, etc.

Observa-se que Vila Velha vem apresentando um modelo de reprodução de seu ambiente construído muito espreado, algo que ocorre em função da ligação com outra cidade da RMGV, Guarapari, através da Rodovia Estadual ES-060 (Rodosol).

Embora não tenha sido o foco principal do trabalho, observa-se que tanto a localização destes atuais empreendimentos como a localização do próximo, se de fato concretizada, de autoria da Alphaville, é concentrada em áreas periféricas e de menor valor de terra. Nesse sentido, a implantação destes empreendimentos, embora seja contraditório às suas intenções, pode gerar uma espécie de gentrificação periférica destas áreas, expulsando os moradores de menor poder aquisitivo.

A figura a seguir (Figura 2) expõe estes três empreendimentos existentes em escala mais próxima, onde se poderá observar características mais específicas destes espaços e sua relação com o entorno imediato.

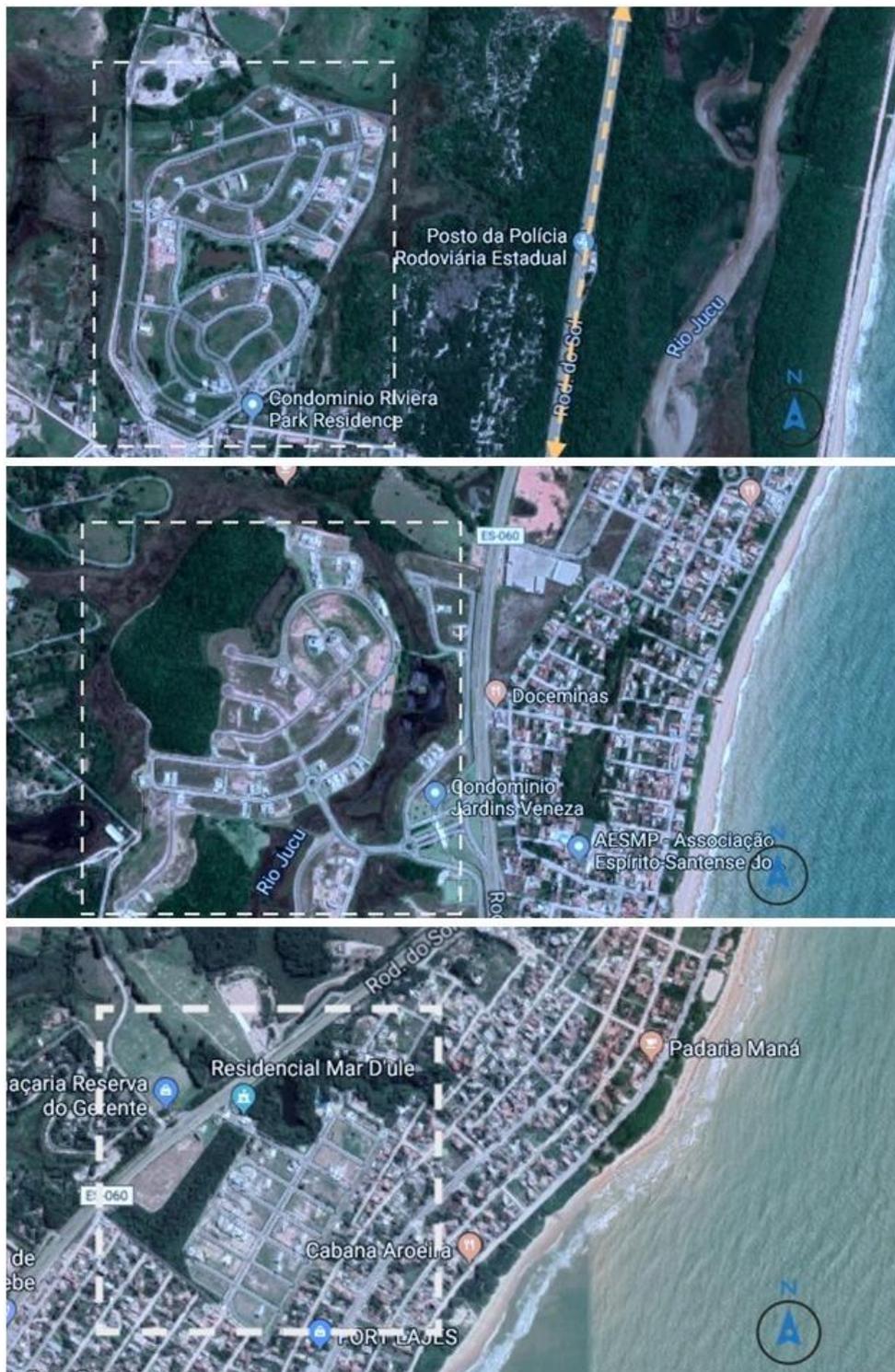


Figura 2. Aproximação, em mesma escala, dos três empreendimentos, respectivamente Riviera Park, Jardins Veneza e Mar D'Ulé. Fonte: elaborado pelos autores a partir de registro do Google Earth.

Nessa escala aproximada, observamos importantes semelhanças, e algumas diferenças entre estes três empreendimentos. Todos se localizam próximo à reservas naturais, são espaços voltados para dentro e cercados por muros e possuem desenho urbano que remete aos subúrbios norte-americanos.

O desenho urbano destes é algo que destoa fortemente do entorno, tanto na questão do próprio traçado, quanto da escala. Enquanto o Riviera Park e Jardins Veneza apresentam traçado orgânico que remete à uma espécie de fusão entre o modelo culturalista e naturalista de urbanismo, como definido por Choay (2001), o Mar D'Ulé apresenta traçado mais rígido e racional. Todos, entretanto, possuem lotes e quadras de tamanho consideravelmente superior aos das áreas do entorno. Essa questão reflete um dos aspectos por trás da ideia de modelo - a de caráter reproduzível - na medida em que o mesmo modelo é implantado independente do local da área do entorno da implantação.

Outro fator que chama a atenção é a proximidade com a orla, algo marcante no processo de expansão do capital imobiliário na cidade. Embora, em teoria, estes empreendimentos não busquem essa proximidade, a própria rede de vias da RMGV contribuiu e possibilitou esse processo, devido à localização da Rodosol e o espraiamento da cidade tendo esta como eixo principal. O espraiamento da cidade também não permitiu um completo distanciamento do restante da cidade. Nesse sentido, embora o desejo pela auto-segregação seja algo forte e valorizado nestes empreendimentos, este foi impedido pela própria forma urbana da região.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

François Choay (2006) define modelo como algo dotado tanto de valor exemplar quanto de caráter reproduzível. Embora o primeiro aspecto abra margem para uma série de variáveis qualitativas em sua definição, o segundo enfatiza fator objetivo e que concretamente se observa no caso dos enclaves fortificados. Nesse sentido, observamos uma certa aproximação com a ideia do modelo naturalista de Frank Lloyd Wright, porém se limitando à questão da busca quase nostálgica pela natureza, e do modelo culturalista, expresso num desejo de organicidade no traçado e consequente imitação dos subúrbios norte americanos. Entretanto, enquanto os postulados e a ideia quase anárquica de Wright, por exemplo, pressupunha uma certa democratização no acesso à seu modelo de habitar e viver, o que se observa, no caso dos enclaves fortificados, é a espacialização do desejo de auto-segregação e de distância de certos grupos estigmatizados e marginalizados da sociedade.

A construção de grandes condomínios fechados horizontalizados em Vila Velha ainda se apresenta de forma inicial e modesta, embora suas causas implicações urbanas representem fator importante a ser considerado e observado. A sua produção e reprodução não tratam apenas de uma casualidade ou aleatoriedade, mas sim representa diversos processos e construções sociais, mais especificamente o medo decorrente da intensificação dos chamados problemas urbanos e da violência urbana, principalmente a partir da década de 1980 e à negação do convívio, no espaço público, com diferentes grupos sociais - o que é expresso na característica fundamental destes empreendimentos de serem espaços privados voltados para dentro.

Os resultados obtidos, a partir da pesquisa documental, bibliográfica e realização de mapeamento, ainda permitiram observar que, assim como exposto por Campos Jr. (2009) que Vila Velha se inseriu de forma pouco mais tardia no processo de expansão do capital imobiliário no final do século XX, no que toca ao início das construções de edificações verticalizadas próximas à costa, o município também foi inserido tardiamente no processo de construção de grandes condomínios fechados horizontalizados, quando comparado à Serra, expoente máximo deste modelo de habitação na RMGV. Por outro lado, a própria forma urbana da cidade impediu que estes empreendimentos fossem construídos totalmente distantes de outras áreas urbanas.

5 REFERÊNCIAS

- ABE, André Tomoyuki. **Grande Vitória, ES: crescimento e metropolização**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- CALDEIRA, Teresa. Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 47, 1997, p. 155-176
- CALDEIRA, Teresa. **Cidade entre muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/EDUSP, 2002.
- CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira de; GONÇALVES, Thalimar Matias. Produção do espaço urbano da Serra – Espírito Santo: estratégias recentes da construção imobiliária. **Mercator**, Fortaleza, v. 8, n. 17, 2009, p. 69-78.
- CHAUÍ, Marilene de Souza. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- CHOAY, François. **O Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- CORREA, F. B. A busca por segurança: imaginário do medo e geografia urbana. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, ed. 14, v. 8, n. 1, 2010, p. 88-105.
- ESCOBAR, Arturo. Planning. In: SACHS, Wolfgang (org.) **The Development Dictionary: a guide to knowledge as power**. Londres & Nova York: Zed Books, 1992, p. 145-160.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2016.
- HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HARVEY
- LAMAS, José Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- SAQUET, M. A.; SILVA, S. S., Milton Santos: concepções da geografia, espaço e território. **Revista Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v.2, n.18, 2008, p. 24-42
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEAK, C. SCHIFFER, S. R. (org.) **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 170-243.